

Nada de plano B

Aeconomia brasileira está ao meio de uma travessia. A primeira metade do trajeto talvez tenha sido a mais tortuosa, por força do expressivo ajuste nas contas externas — cuja contrapartida foram o crescimento modesto do Produto Interno Bruto e a inflação.

Pouco a pouco, os mercados financeiros vão reconhecendo nesse esforço o potencial de recuperação da economia do país. Ainda que inicialmente concentrados no curto prazo, cerca de 87% das dívidas que venceram no exterior nos dois primeiros meses do ano foram rolados, e em condições mais favoráveis do que aquelas oferecidas no segundo semestre de 2002. No plano interno, dívidas públicas e privadas voltaram a ser renegociadas de forma mais rotineira.

A pressão sobre o câmbio diminuiu numa fase em que as cotações das principais moedas andam flutuando muito no mundo em decorrência da expectativa de um ataque americano ao Iraque.

Essa acomodação do câmbio doméstico é reflexo dos bons resultados na balança comercial e nos itens de serviços, que reduziram o déficit em transações cor-

rentes para menos de 1,5% do PIB (chegara a 5%). A conta de capital, que contabiliza investimentos diretos e financiamentos, também se aproxima do equilíbrio.

Sem a pressão do câmbio, a bolha inflacionária provavelmente se esvaziará ainda neste primeiro semestre, com a maior parte dos preços relativos devidamente realinhados. Tarifas públicas continuarão refletindo o impacto dos

elevados índices de preços dos últimos meses e, por isso, o Banco Central precisará se manter atento contra repiques inflacionários. Os índices de preços no atacado, que no fim do ano passado e começo de 2003 haviam atingido o perigoso patamar de 4% ao mês, declinaram para menos de 2% e a cada nova amostragem re-

**O país já
perdeu muito
tempo com
heterodoxias
malsucedidas**

gistraram queda em relação ao período anterior. E por um efeito estatístico, a inflação será relativamente mais alta até junho.

Portanto, o presidente Lula não deve dar ouvidos aos que lhe cobram a adoção de um plano B na economia. O país já perdeu muito tempo com várias experiências heterodoxas malsucedidas. Para se completar a travessia, é necessário perseverar com a atual política.